

Quando a adolescência se prolonga

Alexandre Stevens

O sintoma e a fantasia são o que Lacan chama pontos de basta, pontos de estabilização que um sujeito encontra para estabilizar sua existência. As crianças também os encontram. No fundo, a própria adolescência é a estabilização que as crianças encontraram. Estabilização sempre situável, o que Freud chama período de latência, ou seja, o final da infância, quando as pulsões se acalmaram porque se regularam com as fantasias e os sintomas.

No momento da adolescência há uma transformação. Esses sintomas e fantasias que a criança havia construído não podem mais operar como tais, porque se produz o encontro com um novo real. Qual é esse novo real? Não é a adolescência. Além disso, notem que a adolescência não é um conceito psicanalítico. Vou levar a adolescência a uma certa dimensão, a partir do ponto de vista psicanalítico, mas não estou certo de que o termo se encontre em Freud. O termo usado por Freud é puberdade. A puberdade não é a adolescência; a puberdade é esse real que as crianças encontram quando chegam à saída da infância. Podemos dizer que a puberdade, esse novo real, tem dois aspectos: por um lado, certamente o que se chama empuxo hormonal, mas que não deve ser entendido como um fenômeno exclusivamente físico. É um fenômeno de corpo, mas não é por isso um fenômeno físico.

Existe essa dimensão física do empuxo hormonal, mas não é isso, como tal, o real difícil. O que torna o real difícil é que a linguagem não diz muito. A diferença entre a criança que chega à puberdade e o animal pequeno que chega à idade de procriar é que o animal sabe o que tem que fazer; é o que chamamos instinto. Os animais sabem o que

têm que fazer; já os meninos e as meninas não, não sem encontrá-lo no discurso. Este é o sentido da mais linda fábula escrita no primeiro século de nossa era, *Dafne e Cloe*, que precisam que alguém lhes explique para poder efetivamente acalmar esse empuxo pulsional que surge.

É o que Lacan disse no "Prefácio a *O despertar da Primavera*"¹: esses adolescentes estão menos tomados pelo empuxo hormonal do que pelo despertar de seus sonhos.

Temos com Freud e Lacan - mas eu utilizo aqui a figura de Lacan - duas abordagens do corpo em psicanálise: o corpo como objeto pulsional, como trabalhado por certo movimento até o objeto, o corpo que pode algumas vezes aparecer como cortado em pedaços; é o que Lacan chama de pequeno *a*. É o corpo que nesse momento sofre o despertar de seus sonhos. Depois teremos uma segunda abordagem do corpo em psicanálise, o corpo como imagem, que Lacan escreve como *i(a)*. Trata-se do corpo tal como nos aparece, tal como nós o constituímos a partir do estádio do espelho, ou seja, a imagem do outro, o que está em frente do espelho.

corpo como imagem	<i>i(a)</i>
corpo como objeto pulsional	<i>a</i>

Não desenvolverei, no entanto, sobre esses dois aspectos que se colocam nesse real da puberdade. O corpo como objeto pulsional e o corpo como imagem - já que a puberdade é também o momento do aparecimento dos caracteres sexuais, inclusive dos caracteres secundários que modificam a imagem, o que se chama a imagem do corpo, que vai mais além da simples dimensão da imagem - é constitutivo do sentimento que se tem de uma certa permanência de si na existência. É constitutivo do que Lacan chama também o sentimento de vida². Tomemos o termo mais filosófico, o sentimento de vida; é o que acontece no desencadeamento das psicoses. Recordem do presidente Schreber: suas primeiras

manifestações são uma perda do sentimento de vida, ele passa a viver em um mundo de sombras e ele mesmo descobre no jornal o anúncio de sua morte.

Sem chegar à psicose, este sentimento de vida é algo que pode ser tocado, é o que leva Freud a dizer: alguém que se pergunta sobre o sentido da vida já está doente, porque perguntar-se sobre o sentido da vida não tem mais o sentimento de vida. Quando alguém tem o sentimento de vida, não tem necessidade de perguntar-se sobre o sentido da vida.

Aqui estão os dois pontos a partir dos quais o real surge novamente neste momento na existência, e então os púberes têm que reconstituir sintoma e fantasia, quer dizer, modificar os precedentes, adaptá-los, ou têm que construir alguns novos. É o que chamamos adolescência. É o momento em que o sujeito busca uma resposta sintomática. Digo sintomática, não patológica. O sintoma é uma produção positiva, estabilizante. Pode se transformar em patológica quando começa a incomodar o sujeito. Portanto, a adolescência é o momento de constituição de um novo sintoma e de reorientação da fantasia.

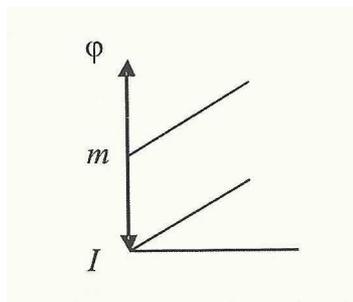
A pergunta que alguém se pode fazer - já que até aqui eu tentei lhes dizer brevemente como se entra na adolescência - a pergunta que se coloca, é também como se sai dela, dizendo em seguida que nem sempre se sai. Cada um de nós conhece pessoas que passaram completamente da idade e que são completamente adolescentes. A questão é, então, saber como se sai dela. Quando não se sai, a adolescência se prolonga, e ela se prolonga frequentemente com sintomas de um novo tipo, novo na história social: toxicomanias, violência, etc. Voltarei a isto adiante.

Mas eu queria, primeiramente, examinar com vocês a questão da adolescência que não se prolonga. Lacan nos dá informações precisas sobre isso em seu *Seminário 5: As formações do inconsciente*³. Para encontrar essas

informações precisas devo acrescentar que foi necessário que Jacques-Alain Miller as ressaltasse em um seminário que deu em Barcelona, e que existe em espanhol com o título "*Comentário do Seminário 5*"⁴. Em francês, tem outro título, mas é preciso dizer que Miller deu este seminário em espanhol, portanto foi publicado muito rápido com este título simples. Dois anos mais tarde, ele encontrou um título mais bonito, e em francês se chama *De lo nuevo*. Na verdade isto traz algo novo, ao mesmo tempo do próprio Lacan. No *Seminário 5*, podemos encontrar algo novo a partir de trabalhos fundamentados em ensinamentos posteriores.

Aqui está o que Lacan propõe como ponto de saída da adolescência. Digamos primeiro que é necessário que na adolescência se restabeleça este sentimento de vida, ou seja, que apesar do que muda em sua imagem corporal, seja possível reconstituí-la. Nem sempre é tão fácil, dar-lhe um espaço em que a angústia possa escoar; e quando não se consegue, isto pode ser causa de suicídio para o adolescente. Não desenvolverei a questão do suicídio do adolescente, mas vocês têm um exemplo pertinente disso na peça de teatro de Frank Wedekind "*O Despertar da Primavera*". Um dos adolescentes se suicida por não poder reabilitar seu corpo movido de nova maneira pelas pulsões, como a situação na qual esta imagem do eu não pode se estabilizar. Lacan nos indica que a partir de então, o sujeito tem certo trabalho e certa escolha a fazer.

Isto está desenvolvido em um esquema de Lacan que é o esquema R. Como não posso desenvolvê-lo para vocês hoje, vou usar uma forma indicativa para os que o conhecem, e suficientemente simples para os demais.

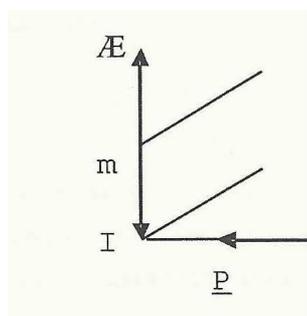


O $i(a)$ é o equivalente do que se chama o Eu, é isto o sentimento de vida: é a ideia de termos ontem, hoje, amanhã, quando estamos na praia, quando estamos em uma conferência, somos sempre nós mesmos. Essa ideia de permanência de si é o que se chama sentimento de vida em filosofia. Portanto, o Eu deve - diz Lacan - escolher uma orientação. Se ele retorna ao que escreve ϕ minúsculo, ou seja, o semblante fálico, faz uma imaginarização dele mesmo, é o caso da escolha perversa. Quero que notem que isto indica que a perversão é uma escolha que se faz na adolescência, não antes, porque estruturalmente não é possível antes. Acrescento que é uma escolha muito particular que implica em acreditar muito em seu próprio semblante, para balanceá-lo para o Outro, com uma certa certeza, a ponto de fazer o Outro vacilar. É isto o perverso, é o que divide aquele que está em frente, esta é a estrutura e a dimensão.

Tomo o caso da saída "normal" da adolescência - normal entre aspas - quer dizer, neurótica, como todo mundo. Lacan diz que é necessário que o sujeito se oriente para o que escreve com I maiúsculo, que é o Ideal do Eu. O que é isso? É fundamentalmente uma escolha articulada ao significante, é a escolha de um nome, de uma profissão, de um ideal, de uma mulher, de um homem. É a escolha de um sintoma com sua envoltura significante. A escolha de uma profissão é um sintoma. A escolha de uma mulher também é um sintoma para um homem, é Lacan quem o diz, mas, além disso, é estruturalmente verdadeiro. Ele também diz que um homem é

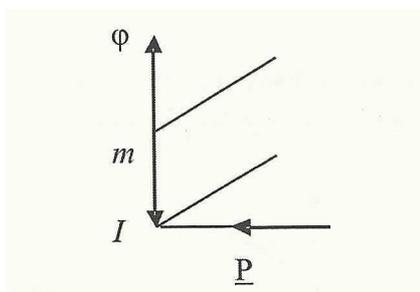
um sintoma para uma mulher, mas não é simétrico; digamos melhor: um homem pode ser uma devastação para uma mulher.

Portanto, o Ideal do Eu é a escolha de um sintoma que tem uma envoltura significativa e que estabiliza as relações do sujeito com seu sentimento de viver, mas também no marco da realidade na qual vive. A escolha de uma profissão faz parte do marco da realidade. É isto a saída da adolescência; de fato vemos que os adolescentes que andam bem, saem da adolescência aos vinte anos, ou seja, mais ou menos rápido, tendo feito essa série de escolhas. Porém, disse Lacan, o Ideal de Eu se constitui a partir do que ele chama função paterna.



Na sociedade de hoje esta função vacila, a função paterna está em decadência assim como os ideais que ela carrega. Este fato faz com que seja difícil, para uma grande maioria, fazer essa escolha. É necessário sublinhar que, ainda que a função paterna vacile, o que é sensível em todos os níveis no mundo de hoje - falarei da questão da violência, em seguida - é o uso da função paterna. Sobre isso, Freud disse que na adolescência é necessário poder se separar, em parte, de seus pais. No entanto, o melhor para sair dela, do lado do rapaz, é encontrar uma figura paterna substituta, por exemplo, um professor. Hoje, os professores - não sei como é na Argentina - na França e na Bélgica pelo menos, não recebem o respeito que os rodeava na época de Freud; portanto, temos ideia do que é essa desvalorização da função paterna. Então, como sair disso? Uma vez que a

constituição desta escolha se faz a partir de um apoio tomado na função paterna - disse Lacan - podemos usar o pai e prescindir dele. Servir-se do pai para poder prescindir dele. Trata-se, nesta época, de desvalorização dos semblantes paternos, de se apoiar, certamente, em figuras paternas sem crer nelas, e vemos que para um certo número de adolescentes isso funciona. Mas também existem aqueles para os quais isto funciona com mais dificuldade. Evidentemente, a função do pai é possível ser encontrada hoje também em lugares em que não a esperamos, forçosamente.



Desenvolverei brevemente um caso clínico: trata-se de um jovem perdido em seus momentos da adolescência, perdido no *flou*, no vago, no difuso, na dificuldade das escolhas, em uma certa errância, e que encontrou apoio em um bando de adolescentes do subúrbio. Lacan diz, neste *Seminário 5*, que esse trabalho de orientação para I (maiúsculo), possui várias etapas, vários pontos nos quais podemos nos deter. A identificação com bando de adolescentes é um exemplo, é um movimento que se dirige para esta constituição, mas não é ela propriamente.

O pobre adolescente do qual lhes falo, nesta situação de desorientação, encontrou um apoio que para ele funcionou completamente como função paterna. Ele é o líder do grupo. O que pode parecer como as chamadas más companhias, para ele foi um excelente encontro. Há uma dificuldade em falar desses fenômenos psicológicos que têm certa amplitude em termos estatísticos: é bom ou mal frequentar um grupo?

Depende do que o adolescente faz dele, e isso não é calculável antecipadamente. Além disso, sociologicamente, a pergunta "é bom ou mal?" tem verdadeiramente pouco sentido. Portanto, nesses casos se trata de acompanhar o cálculo que o adolescente fará, confrontado a esse tipo de situação.

A realidade de fundo, quando a adolescência se prolonga, é que estes sujeitos são, frequentemente, levados a escolher um modo de gozo que evite a questão sexual: trata-se da escolha da toxicomania e também da anorexia-bulimia; ambas jogam com o consumo, com o vazio e o pleno; mas ambas, como sintomas, se caracterizam como um gozo que possui um aspecto autista, ou seja, que pode ser obtido sozinho, sem o Outro - não completamente, porque é necessário pelo menos o vendedor de drogas.

Gostaria de lhes falar agora sobre outro tipo de sintomas que surgem na adolescência, mesmo quando ela não se prolonga. São os fenômenos do que se chama "violência". Gostaria de fazer algumas observações: em primeiro lugar, há provavelmente um erro em reunir sob o mesmo termo, fenômenos que são, no fundo, evidentemente diferentes. A violência na escola - tomemos simplesmente este sintagma - recobre coisas muito variadas, o que se observa aparecer sob uma forma muito singularmente violenta. Trata-se, por exemplo, desses adolescentes que, nos EUA, chegam ao colégio com uma arma e matam colegas, etc... e isto é chamado de violência na escola. Porém, isto não tem nada a ver com a pequena violência que se encontra numa turma, nas salas, no pátio do recreio. Nos arredores, nos subúrbios, acontece o fenômeno de grupo. O que acontece com esses adolescentes da América do Norte também existe entre nós, mas como as armas de fogo não são tão frequentes, há menos chance de disparar, mas temos as facas. Sem dúvida, são casos em que é a clínica do "um a um" que pode dizer sobre o que aconteceu.

Recordo um dos casos nos EUA: o daquele adolescente que havia matado vários colegas, há um ano e meio. Era um jovem que depois explicou que tinha grande dificuldade com sua imagem. Ele explicou que tentou matar, especialmente, os colegas que correspondiam à imagem do bom esportista americano, o que ele não era. Não conheço o problema particular desse jovem, mas isso nada tem a ver com o problema dos subúrbios, por exemplo.

Gostaria de lhes dizer algumas palavras sobre um trabalho que alguns psicanalistas têm realizado em Bordeaux, na França, com adolescentes dos subúrbios da periferia. Fizem com eles um grupo de conversação - esta conversação está publicada, tive ocasião de lê-la e de falar amplamente com eles. Dela extraio pequenas observações: em primeiro lugar, quando se pergunta a esses jovens ou lhes pede que falem um pouco sobre suas famílias suas casas, quase todos têm respostas do tipo: "em minha casa, há um computador, uma TV, papai, mamãe..."; vemos que a função paterna deslizou para os objetos de consumo técnico em moda. Ao mesmo tempo - quer dizer que eles não têm todos estes elementos - podem dizer o que querem, o que desejam, eles têm necessidade desses objetos para se acalmarem. Esses jovens explicam que a violência os encontrou muito cedo: a violência dos outros, dos pais que discutem, dos jovens do bairro, inclusive da polícia. Um desses jovens diz muito bem que essa violência era muito angustiante para ele, e que para acalmá-la, era necessário domesticar a violência; ou seja, entrar nela para conhecê-la melhor e torná-la menos angustiante. Isto dá a esses jovens uma explicação da violência como meio escolhido para evitar a angústia. É muito lógico também.

Lacan ressalta que o *acting out* ou a passagem ao ato é, para cada um, a última barreira contra a angústia. Cada um pode ter tido a experiência disso frente à angústia, pelo passo dado em direção ao ato. A escolha da violência

para este adolescente está claramente deste lado. É preciso dizer que passagem ao ato e *acting out* aparecem no sujeito. Se a violência aparece no sujeito mais amplamente como a última barreira frente à angústia, é porque lhe falta a represa que deveria funcionar, e a represa que deveria funcionar é o sintoma. Então, na conversação com esses jovens, encontrei um fenômeno bastante extraordinário. Esta conversação se dá em certo número de sessões, éramos quinze ou vinte falando, portanto, é necessário que depois se fale de outra coisa. No retorno da série de conversações, uma história muito curiosa se repete: um rapaz diz que existe uma história de um enforcado no bairro e todos estão conscientes que alguém se enforcou, o comentário circula, não se sabe quem é, e alguns dizem: "foi em um sótão onde ele se enforcou". Outros dizem: "não, foi em uma árvore que está em tal lugar da cidade". O certo é que, desde então, todos concordam em não se aproximar mais dessa árvore, porque a partir dessa história, debaixo dessa árvore cheira mal, e todos dizem também que, há algum tempo, não vão mais a este sótão.

É muito interessante como fenômeno: trata-se da constituição de um pequeno mito coletivo nesse bando de adolescentes. Um pequeno mito coletivo muito interessante: notem que não vão mais ao sótão, não por razões fóbicas. Eles dizem: "não é porque temos medo", mas porque "isto não convém mais"; "não passamos debaixo da árvore não porque temos medo, mas porque cheira mal". Então, a expressão "cheirar mal" fala de um odor desagradável, mas também pode se referir a uma ideia desagradável. Não é, portanto, um sintoma fóbico, mas uma espécie de pequeno mito que vem tomar o lugar da lei paterna. Desde então, eles mesmos construíram uma pequena história que coloca limites ao que eles podem fazer: não se pode ir mais ao sótão. Vocês me dirão que isto não os torna menos violentos, não sei, mas lhes diria que considero, do ponto de vista da psicanálise,

que é um dos caminhos que possuem para constituir um sintoma. Assim, um pequeno mito coletivo serve como um pequeno sintoma coletivo. Penso que a via que eles têm para encontrar, é esta, o um a um.

Em todo caso, a constituição do sintoma nada tem a ver com a dimensão do castigo. Eu não sou sociólogo, não tenho muita ideia sobre a maneira de reagir socialmente ao aumento da violência, não penso que o castigo, a repressão, substitua a função paterna que lhes falta. Na França, houve uma proposta de lei - em todo caso uma proposta discutida - que consistia em propor castigar os pais das crianças de grupos dos subúrbios, castigá-los suprimindo os abonos familiares, o dinheiro que é dado às famílias numerosas, suprimindo-lhes direitos sociais. Considero isto completamente louco. Em um mundo em que tudo está feito para enfraquecer a função paterna, pensar que alguém poderá restabelecê-la ameaçando o pai é, pelo menos, uma imbecilidade. Se há tantas dificuldades com a função paterna, é preciso dizer que ela depende das mudanças dos ideais da sociedade, depende precisamente da perda dos ideais. Na verdade, é a análise que Lacan faz disto, do discurso das ciências e do discurso capitalista, do liberalismo.

Não sou ideólogo, mas quero dizer umas palavras sobre isso. A ideia de Lacan é que anteriormente, na sociedade, os sujeitos podiam encontrar a partir dos pais um certo número de ideais, os ideais existiam no mundo para os adolescentes. Hoje os ideais caíram um pouco e o que se propõe aos adolescentes é que entrem no mundo do consumo. Sabemos que o mundo do consumo, dos objetos consumíveis, não permite facilmente restabelecer ideias, mas provoca o desejo de ter os objetos que são tão valorizados na sociedade, os objetos consumíveis. Evidentemente isso provoca, ao mesmo tempo, uma exclusão para os que não podem tê-los. Do ideal nunca estamos excluídos, sempre podemos

construir um ideal. Quaisquer que sejam os meios, podemos entrar neste ideal. Se o ideal é o objeto de consumo, não podemos necessariamente tê-lo, já que para tê-lo há apenas duas soluções: comprá-lo ou roubá-lo. Então, evidentemente, a questão para esses jovens dos subúrbios da periferia não é somente a exclusão social, no sentido de uma dificuldade em ter o mais elementar para viver, para comer, etc. Na Europa, as leis sociais tratam de compensar - bem mal, aliás - este tipo de problemas. O que não conseguem compensar é que para estes jovens se proponha como ideal terem objetos do desejo da sociedade de consumo (os jogos de vídeo, os celulares), isto as leis sociais não lhes oferecem. Portanto, não é tanto uma exclusão dos bens necessários. Eles se encontram na situação em que lhes propõem desejar objetos e ao mesmo tempo lhes colocam na impossibilidade de tê-los: esta é o verdadeiro fenômeno de exclusão.

Eu lhes direi uma última coisa: quais são os sinais em que se pode ver que a situação de um adolescente se torna perigosa, evolui mal? Creio que o maior sinal é o fato de que ele se encontra em um certo *flou*, em uma certa errância, não consegue fazer escolhas nem sustentá-las. Mas, saibam que estes sinais, simplesmente, são da adolescência, portanto, penso que há uma dificuldade em prever o cálculo que permita ao adolescente estabilizar-se, ou que, pelo contrário, vai fazê-lo deslizar para o pior. Em resumo, não acredito muito na prevenção, mas sim na força da palavra. Trata-se assim de ouvir, de seguir, de valorizar para ajudar ao adolescente, um a um, a fazer seu próprio cálculo.

Agradeço a atenção de vocês.

Perguntas do público:

Eu lhe pediria para fazer a gentileza de desenvolver estes pontos:

- O que se entende por função paterna e ideais?
- Como é possível pensar a relação ou a série de sintomas na infância, e o sintoma e a fantasia que se reconstruem na adolescência?
- Sobre a relação entre o sentimento de vida e o corpo.

Respostas:

Se vocês quiserem, esta frase que evoquei de Freud: perguntar-se sobre o sentido da vida já é estar um pouco doente. Isso significa que se tudo anda bem, não é necessário perguntar-se sobre o sentido da vida, porque se goza da vida e, portanto, a pergunta sobre o sentido da vida pode ser retomada no sentido de gozo. É simplesmente o fato de gozar da vida.

A respeito da pergunta sobre a série de sintomas da infância à adolescência, farei uma ou duas observações. O sintoma, como diz Lacan na última parte de seu ensino, é um modo de gozo que o sujeito encontra em sua existência. A diferença entre este modo de gozo na adolescência e a escolha da criança: este escolher da criança é o que deverá se mover no momento da passagem à adolescência pois, na infância, este modo de colocar em jogo sua libido, pode ser feito sob o signo fálico: ser o falo de sua mãe, ou seja, colocar-se no lugar do objeto que a mãe deseja, de maneira mais ou menos dialética, mais ou menos complexa. É disso que a criança deve se separar. Não se trata de simplesmente permanecer na posição de ser o falo, o objeto de amor dos pais. Na adolescência, trata-se de entrar em uma competência e poder formular o gozo, o uso de sua libido, sem o auxílio desta posição fálica. Hegel assinala que a passagem das crianças, de sua família à escolaridade, é uma mudança radical porque, até este momento - diz Hegel - elas eram amadas pelo o que eram e a partir do momento em que estão na escola, eles serão amados pelo que farão. A função

do professor, do mestre escolar, é a de dar notas, de uma maneira ou de outra, é julgar a criança não baseando-se no critério de amá-la pelo que ela é, mas tomando como base aquilo que ela produz. Uma das etapas das quais falava é a escolaridade como tal.

A função do pai. É interessante dizer o que aparece sobre isso no pequeno texto que Lacan escreveu como prefácio à peça "O Despertar da Primavera". Ele descreve brevemente que se trata de dois adolescentes, e que um deles se suicida por suas dificuldades para se desenvolver, para lidar com a libido; o outro, ao final da obra, está disposto a se entregar à morte e é ali onde surge esta figura do homem mascarado; segundo Lacan, o nome mascarado ou o substantivo mascarado é um dos nomes do pai. O homem mascarado diz ao adolescente: "você não tem nada para fazer do lado da morte. Siga-me, do lado da vida". O adolescente lhe diz: "Mas, quem é você? Meu pai?", e o homem mascarado responde: "De jeito nenhum, teu pai está neste momento consolando-se nos braços de tua mãe". O que Lacan chama de Nome-do-Pai não é um pai concreto apresentado como decaído nesta história. O adolescente lhe diz: "Diga-me ao menos para onde quer me levar", e o homem mascarado responde: "Isto você não poderá saber, somente se primeiro vier". Esta é a função do Nome-do-pai, uma função que está do lado do enigma, do convite a aceitar, agarrar a vida. O homem mascarado acrescenta: "ao outro adolescente que se suicidou, eu também me apresentei". É curioso porque, na obra, justo antes do suicídio do primeiro, alguém também se apresenta diante dele: é uma prostituta que lhe propõe ir com ela ao invés de se suicidar. No final da peça, o homem mascarado diz: "a prostituta é a outra face de mim mesmo". Portanto, quando Lacan diz "o homem mascarado é o Nome-do-Pai", ele está incluindo, ali, a mulher.

Tradução: Ana Martha Maia

¹ LACAN, J. (2003[1974]). "Prefácio a *O despertar da primavera*". In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, pp. 557-559.

² Idem. (1998[1957-1958]). "De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose". In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p. 565.

³ Idem. (1999[1957-1958]). *O seminário, livro 5: as formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

⁴ N.T.: Este seminário foi traduzido para português. MILLER, J.-A. (1999[1998]). *Perspectivas do Seminário 5 de Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.